

Entrevista a Alberto Pucheu

(breve apresentação do poeta)

M.J.C. – O seu último livro de poesia chama-se “Escritos de Indiscernibilidade”. Nem sempre o título foi bem entendido e eu acho que tem que ver com essa “fronteira desguarnecida” de que fala já em “Ecometria do Silêncio”. Concorda?

A.P. – O livro anterior à “Ecometria do Silêncio” já se chama “A Fronteira Desguarnecida”. Foi nele a primeira vez que utilizei a respectiva expressão, querendo salientar um ponto de indiferença entre a pessoa, a cidade e a linguagem, uma zona que ameaça as individualidades estanques, permeando-as. Para mim, neste interstício, dá-se vida, sendo a poesia um vitalismo provocador de espanto e admiração. O poema que abre o livro, intitulado-o, diz assim: “Pela primeira vez, uma perna quer sair por minha boca, espremida. Um braço quer sair por minha boca. E o que ainda há de genitália, e o que ainda há de intestino, e o que ainda... Quer sair por minha boca. Uma parede, uma hélice, um vidro de janela querem sair por minha boca. Um carro acelerado, um pedaço de mar, um fuzil. Sob o testemunho pânico de alguns, uma desordem no corpo e nas coisas, uma fronteira desguarnecida entre a pessoa e a cidade”.

Como você bem vê, os “Escritos da Indiscernibilidade” respondem a um devir possível da expressão “fronteira desguarnecida”. A indiscernibilidade é um lance de confusão de vida, de onde e para que nasce a obra cuja tarefa é servi-lo ou instaurá-lo criativamente, fazendo com que a obra, artística, mergulhe sua distinção na suposta alteridade, criando, na indiscernibilidade experimentada, um caminho tensivo da perplexidade. A indiscernibilidade ainda pode ser estendida para o entre o verso e a prosa, entre o fragmento e oralidade, entre o discurso filosófico e as frases colhidas na boca das ruas, entre a poesia e a filosofia... entre, sempre entre. Como pode ser também desdobrada, seja a fronteira desguarnecida ou a indiscernibilidade, como uma das características fundamentais de nossa época.

Talvez, esta poética da confusão dificulte um pouco um ou outro pensamento ainda muito atrelado ao princípio da não-contradição aristotélico. Ou, talvez, a dificuldade com o título seja mais sonora do que conceitual, mais de dicção do que de compreensão... Indiscernibilidade pode ser, para alguns, uma palavra que se embrulha na boca (como alegremente brincou comigo meu amigo Francisco Bosco, grafando-a: in#%hg*!cmz%?dade), mas isto é apenas para desembrulhar o pensamento.

M.J.C. – Há algo que se vem acentuando na sua poesia, desde os livros anteriores e que é justamente essa tensão entre o verso e a prosa, entre o banal e o discurso filosófico e poético (lembro sobretudo “A Vida é Assim”). Não é esse um dos traços mais característicos da literatura pós-moderna? Onde se reconhece?

A.P.- Se entendermos a modernidade como o estabelecimento de limites, a pós-modernidade poderia ter as fronteiras desguarnecidas como uma de suas características fundamentais, que, diga-se, precisam do estabelecimento das fronteiras. Para superar a relação sujeito-objeto, precisamos de um e de outro, para transitarmos por um entre

verso e prosa, precisamos de um e de outro, para flagrar possibilidades entre o filosófico e o banal, precisamos de um e de outro... A pós-modernidade não me parece ser um acontecimento cronológico posterior à modernidade, mas uma zona de intensidade diferenciadora no seio da própria modernidade. Se quiséssemos manter o termo, o que se chama pós-modernidade são algumas possibilidades conceituais de pensamento que encontro em Platão, em Schlegel, em Nietzsche, como, obviamente, em Deleuze, em John Cage etc. Gosto de pensar, por exemplo, no Crátilo como precursor de Cage.

Você menciona “A Vida É Assim”. Nele, a segunda parte do livro, três arranjos, foi toda feita com frases que não são minhas, frases, respectivamente, encontradas nas ruas, nas mensagens eletrônicas recebidas por mim, nas salas de conversa da Internet, frases quaisquer. Nesta busca dos ruídos urbanos, eu funcionava como uma espécie de selecionador e arranjador do que ia encontrando pelo caminho. E encontrei coisas maravilhosas. Como a poesia pode sustentar os múltiplos barulhos fragmentados da cidade, que acabam compondo um ruído intenso que soa de modo tão especial, como ritmos inerente a seu percurso? Como a poesia pode acatar o que se conta diretamente dos afetos e o modo cotidiano de se falar deles? Claro que não se trata de reduzir o poético ao meramente cotidiano, mas de acatá-lo como uma de suas forças instigadoras.

Onde me reconheço? Mais do que me reconhecer ou me desconhecer, eu entro em exclamação na íntima estranheza da poesia.

M.J.C. - Nota-se, na sua poesia, essa necessidade que tem, de “pagar a dívida” constantemente. Existe ou não um exercício de intertextualidade constante, na sua escrita?

A.P.– Falar em dívida, é falar numa tradição judaico-cristã, numa tradição da falta, da carência que temos, com esforço, de acatar. Se, quando você fala da “dívida”, está se referindo, como parece, ao fato de eu supostamente pagar um tributo à tradição com menções a poetas que, me atravessando, amo, que me ajudam a descobrir potências e latências de vida, eu diria não se tratar do pagamento de uma dívida, mas, sim, de um transbordamento que tais poéticas geram em mim ajudando-me a me recriar. Portanto, parece-me, no lugar de uma falta a ser paga, o transbordamento de um excesso, a celebração do que, em vida, não quer calar. Ao invés de uma dívida, tais poéticas me dão os juros mais altos que, no mercado, conheço, um pico da bolsa de valores da vida. Da mesma maneira que, quando, num bar, tomamos chope com um amigo, tomamos não apenas o chope, mas, no chope, tomamos a própria amizade em seu maravilhoso excesso ou transbordamento afetivo. Há um lindo filme albanês chamado *Antes da chuva*; nele, em um certo momento, num mosteiro, um padre mais velho diz a um jovem monge em voto de silêncio algo como: eu também já fiz voto de silêncio, mas a realidade é demasiadamente exuberante para eu ficar calado.

M.J.C. – Mas a poesia, retomando um tema, que é caro a Blanchot e a Heidegger, não vive nessa antítese ao tumulto e ao excesso da vida, como que para encontrar o lado “mais rente da palavra”? De outro modo, a poesia não se faz nesse caminhar para o silêncio?

A.P. – Parece-me que pensar poeticamente é se atrever ao pré-dito do pensamento, permitindo-lhe – silêncio – se apresentar nas palavras. No fundo de toda escrita pensante, é o silêncio, o encontrado. Mas este silêncio é a matéria robusta da linguagem, morada privilegiada do silêncio. O silêncio acena para isso que a linguagem manifesta, não à maneira de indicação de algo que permanece exterior a ela, mas trazendo-o em seu próprio dizer. O silêncio só se diz na linguagem. Generosa, a palavra, enquanto força criadora de realidade, presenteia o silêncio a quem dispuser sua atenção voltada para ela. Uma das grandes determinações da poesia é promover o silêncio à condição de linguagem. Não vejo, de modo algum, uma antítese entre o silêncio e a linguagem nem, conseqüentemente, entre o poético e o tumulto, entre o silêncio e o ruído. Eu escuto o silêncio, a potência criadora, a latência, a imanência... por entre o burburinho de buzinas, sirenes, apitos, motores, conversas, feirantes, dando-me conta da linguagem que o encorpa... Poeticamente, esse é o silêncio me interessa.

Em geral, há na poesia uma recusa do primeiro impacto do real. Mas eu digo que, além de criar uma sintaxe, todo poeta que se preza inventa, simultaneamente, um dicionário, um conjunto de palavras afetivas que quer ganhar corpo na escrita. Tal dicionário poético demarca o que o escritor privilegia, aquilo de que ele é íntimo, querendo desdobrar essa intimidade para, de alguma maneira, estimular nosso vínculo com a vida vária e diária, transformando-a e nossa relação com ela. O que impressiona é, através do poeta, a percepção de que aquilo de que ele é íntimo é também o mais íntimo de todos nós, sem que tivéssemos nos dado conta disto. Pela poesia, onde as palavras são escritas para o lado de dentro das lentes dos óculos, olha-se a realidade com outros olhos, olha-se a realidade através das invenções poéticas que, de segunda realidade, tornam-se, agora, indiscerníveis da primeira, acabando com qualquer idéia de representação. Utilizando-se do já dado do mundo, a poesia se antecipa a ele justamente para mostrar suas intensidades latentes, imanentes, habitualmente ocultas. Se a arte é uma mediação, ela serve para que se atinja uma imediação com estas forças de vida, que, sem ela, seria muito mais difícil de ser alcançada. Por isto, a escolha vocabular já se coloca como uma aproximação (ou um afastamento) das forças constituintes da vida contemporânea, como uma das maneiras que o poeta encontra de estabelecer uma adesão incondicional à realidade. E a constituição da vida contemporânea é cheia de tumultos e excessos. Digo sim, portanto, a tudo isto, querendo mostrar, disto, inclusive do falatório, o poético.

M.J.C. - De si disse Marco Lucchesi que conhecia bem a literatura brasileira. Isso quer dizer “celebrar a tradição”?

A.P. – Além de grande pensador, Marco é uma pessoa de uma generosidade imensa, enxergando tudo, e todos, no superlativo. Acho que a tradição nem é para ser desmedidamente celebrada nem desmedidamente negada. A tradição só faz sentido quando atravessa nossos afetos do presente.

M.J.C. – E quando é que isso acontece?

A.P. - Para mim, a tradição só presta quando se afasta da erudição, ou seja, quando, ao invés de me afastar do presente, dele, ela me aproxima. Leio Homero, Arquíloco, Safo, Heráclito, Empédocles ou Platão como meus contemporâneos. Mas leio Caio Meira,

Francisco Bosco, Antonio Cicero, Daniel Faria ou Luis Miguel Nava como contemporâneos dos gregos, de Schlegel, de Montaigne, de Nietzsche. Na literatura, como na filosofia, só há contemporaneidade, esbarros que se dão no corpo do presente, presentificando o vigor das criações. Contemporaneidade esta que leio também nas falas populares das ruas, nas buzinas dos carros, no vôo explosivamente vertical do helicóptero, no trânsito ou em qualquer esquina da cidade. É preciso ter um olho nos livros e um olho nas ruas, até que eles intensivamente se embaralhem.

M.J.C. – A poesia é, então, um exercício do olhar, da atenção? Um “exercício” nascido do espanto, como a filosofia? Tem a mesma origem?

A.P. – Um exercício do olhar, da pele, das entranhas, dos ouvidos, do nariz, da boca... um exercício do corpo, do pensamento, para que se possa fazer emergir essa possibilidade do espanto, transformadora de nosso corpo e de nosso pensamento, que, já entre os gregos, funda tanto o poético quanto o filosófico. Nunca é demasiado lembrar a passagem aristotélica: *Através do espanto, pois, tanto agora como desde a primeira vez, os homens começaram a filosofar (...). Mas aquele que se espanta e se encontra sem caminhos reconhece sua ignorância. Por conseguinte, o filômito é, de certo modo, filósofo: pois o mito é composto do espantoso, e com ele concorda e nele repousa.*

M.J.C. – Poderia dizer-se que a filosofia inquieta e a poesia pacífica? Ou nada disso é válido, sobretudo se tomarmos a poesia como rebelião?

A.P. – Se, como disse antes, ambas têm, de alguma maneira, o mesmo motor, a mesma alavancagem, não vejo diferença neste ponto entre uma e outra. Ambas são – criações. E, em um primeiro momento, lidar com a criação é demasiadamente inquietante. Começamos por descobrir coisas que não sabemos de onde vem, uma fissura irrompe do fundo em nossa superfície, uma ferida incicatrizável se apresenta, os sentidos assegurados se quebram, indo todos por água abaixo. Passamos, então, a querer realizar em nossas vidas empíricas o inventado poético que nos atravessou e que vai, supostamente, lá adiante, na nossa frente. Perseguido-o, acreditamos no mito da representação às avessas, ou seja, se antes, acreditávamos que as palavras diziam o que éramos, agora, que não acreditamos mais no que éramos nem no que somos, queremos ser o que a linguagem poética, apresentando-se, disse. Corremos atrás daquilo que foi escrito. Continuamos, assim, precisando de algo sólido, da demarcação de algum território, de uma ancoragem para o presente e para o futuro. Na perdição, buscamos novas saídas, novos pontos de encontros, experimentamos tudo, sofremos, alegramo-nos, descobrimos todo um mundo gigantesco. Até que, de tanto nos perder, aprendemos não ter mais nada a encontrar, senão a criação, o próprio jogo da perdição. A ser jogado. Ultrapassamos ambas as possibilidades de representação – a de dizer o que somos e a de ser o que dizemos. Aceitamos todos os esbarros e desconexões. Descobrimos o mundo como criação ininterrupta, e nada além disso: nenhum ponto a ser alcançado. É a hora em que estamos livres para rir de tudo, para dizer sim ao que está e sempre esteve à nossa frente e nos atravessando. Sim, há efetivamente um caminho poético. Ou filosófico. Tanto faz. Como queira.

M.J.C. – Em “Ecometria do Silêncio”, logo no início, pode-se ler assim: “Desprezo a frieza da perfeição, pela ausência do risco, superado, pela necessidade do acerto e da completude blindada.” Leio aqui a celebração do vivo, do imperfeito, do inacabado. A poesia é uma arte da “pobreza”, no sentido em que Rilke a defendia?

A.P. – Uma arte da pobreza, como em Rilke, uma arte da sujeira, como em Gullar... Mas não pensemos na valorização da pobreza ou da sujeira como a de uma metade da vida em contraposição à outra, rica e limpa... Claro que não. Isso, longe de mim, como longe de Rilke e de Gullar. Pobreza e sujeira como possibilidades de valorização de tudo o que é vivo e que pode ter tido algumas de suas forças desprezadas pela tradição. Valorização de uma poética para além da limpeza e da sujeira, uma poética do ínfimo, da ordinariedade, como em Manoel de Barros. Ao invés da sujeira ou da limpeza, gostaria agora de dizer: uma poética do qualquer, uma poética a partir do que se encontra, a partir dos múltiplos e variados esbarros que nos atropelam. Gostaria de dar algum sentido poético a tudo, tudo, tudo... Se não faço isso, é por pura impossibilidade. Não se trata, portanto, de um elogio puro e simples à pobreza e à sujeira, nem tampouco à limpeza e à riqueza, mas de um elogio radical de tudo o que é vivo através da celebração de vida.

M.J.C. – E o que é vivo partilha de todas essas categorias, não é? Vejo na sua poesia uma proximidade com a poesia de Eucanaã Ferraz, sobretudo em certos poemas de “Desassombro”, em que ele fala dessa recusa da beleza perfeita, da totalidade una e sem fissuras. Concorda?

A.P. – Além de amigo e pessoa adorável, Eucanaã Ferraz é um ótimo poeta, tendo, portanto, características próprias, peculiares. Você fala da “recusa da beleza perfeita” em Desassombro. Há um lado do livro que, realmente, parece nos levar nessa direção: “o poema perfeito,/ por sê-lo,/ silenciaria”; “mas já não sonha/ o perfeito”; “toda palavra é defeito”. Mas vejo que, na complexidade de sua poética, uma outra força predomina, de uma ascensão ao branco, ao cristalino, à clareza, à luz. São inúmeros, os exemplos de uma busca de descomplicação, de desfazimento das confusões, de discernibilidades, de eliminação do desguarnecimento das fronteiras. É só abrir o livro: “um fio de luz”; “não faltando à clareza”; “na procura do cristalino”; “o plantio, à porfia,/ na folha alva”; “à cata de uma água translúcida”; “no lodo/ uma sílaba clara”; “devia ser pura/ qual uma jóia de gelo”; “cristal/ que se plantaria como trigo”. Este é o dicionário poético de Eucanaã.

São tantos, os exemplos, que, definitivamente, a poética do Eucanaã me parece caracterizar-se justamente por aquilo que ele mesmo praticamente conceitualizou como uma “intensidade da limpeza”. Recentemente, numa entrevista a Nonato Gurgel, ele deu a seguinte declaração, que corrobora o que penso de sua poesia: “E, ainda, detesto, por exemplo, a mitificação do que muitos chamam de o sujo como marca necessária à verdadeira poesia, à poesia mais intensa. Digo, ainda, que a limpeza que muitos vêm nos meus versos é, sim, uma intensidade. E que demanda um envolvimento efetivo, afetivo, emocional, estético, ético para que a poesia não seja só o recolhimento do sujo, tão facilmente detectável nas coisas. A sujeira pode ser isso: uma crosta fácil. Acredito que a limpeza pode ser um trabalho intenso de audição das coisas, de abrigo da

dignidade das coisas, da alma, de penetração para além do só reconhecimento da realidade como sujeira”.

Por tudo o que está dito nesta entrevista, nos livros que publico e em todos os outros lugares, vejo-me com uma postura bastante diferente desta do Eucanaã, o que não me impede de admirá-lo, em sua diferença, como ótimo poeta.

M.J.C. – Pode-se ler aí uma recusa à totalidade bela de que tanto falava Goethe, uma apologia da beleza grega e perfeita, harmoniosa, uma?

A.P. – Pois é, foi Nietzsche quem soube romper com essa idéia da Grécia atrelada apenas à beleza harmoniosa e perfeita. Com o dionisíaco, ele nos obrigou a repensar, não só a Grécia, mas toda nossa compreensão de beleza, de verdade, de arte, de filosofia, de real, na contemporaneidade... Com Nietzsche, tivemos de reaprender tudo mais uma vez, desde o princípio, como sempre se dá com esses imensos pensadores.

M.J.C. – Encontro, nos seus “Escritos da Indiscernibilidade” algo que me encanta: a leveza do pensamento ou, se pudéssemos dizer de outro modo, a alegria do pensar. Normalmente, o pensamento se conota com o peso, a angústia existencial, o lado incontornável da vida: o sofrimento, a morte. Na filosofia não há distração. Esse modo poético de entender a filosofia retira-lhe a amargura?

A.P. – Desta vez, ao invés de responder, prefiro guardar a alegria de sua leitura, como uma celebração.

M.J.C. – Como convive o poeta com o filósofo?

A.P. – Para mim, nunca houve um “E” outro. Tudo que vivi até hoje foi entre um e outro. Deles, em mim, só conheço o que está neste entre.